

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

16 de Maio de 2022

COITADO DO JORGE / 1992

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Argumento, Diálogos:* Jorge Silva Melo, Manuel Mozos, Evelyne Pieller baseado no romance *Poor George* de Paula Fox (1967) *Fotografia:* William Lubtchansky *Som:* Pedro Caldas *Montagem:* Nelly Quettier *Guarda-Roupa:* Filipe Faisca, Rita Lopes Alves, Matilde Matos *Decoração:* Luís Monteiro *Conselheiro musical:* José Mário Branco e Pedro Hestnes *Assistentes de realização:* Manuel João Águas, João Pedro Rodrigues *Interpretação:* Angela Molina (Ema), Jerzy Radziwilowicz (Jorge), Manuel Wiborg (Ernesto), Graziella Galvani (Helena), Luis Rego (Sequeira), Joana Bárcia (Tânia), Ana Padrão (Julie), Isabel Ribas (Natália), Marcantonio del Carlo (Rui), Duarte Mendes (Castro), Bruno Leite (Henrique) e a *participação de* Glicínia Quartin (professora), Manuela de Freitas (senhora restaurante), José Mário Branco (marido), Miguel Guilherme (Lopes) e Luis Miguel Cintra (professor); José Meireles (bombeiro), António Pedro Figueiredo (Toni), Manuel Lobão (Armando), Isabel Medina (secretária), Guilherme Filipe, José Mora Ramos (pescador), Fernando Mora Ramos (sargento), Laurinda Alves (locutora), João Romão (criado), Alfredo Nunes (rapaz supermercado), José Nascimento (homem da bomba), Ricardo Colares (aluno), Manuela Couto (senhora do Mini), João Salavisa (sobrinho), Eduardo Chança (malandro), Hélio (segundo malandro), Alice Aurélio (professora), Manuel Mozos (professor), Miguel Lobo Antunes (Dr. Távora), Miguel Seabra (amante Helena), Carla Burity (rapariga piscina), Catia (Marta), Tiago Costa Pereira (criança Min), Dogue (cão); Norberto Barroca, Alexandra Lencastre, Maria João Luís (vozes).

Produção: Inforfilmes, Ariane Films SA, Les Films d'Ici (Portugal, Espanha, França, 1993) *Produtor:* Acácio de Almeida *Produtores associados:* Andres Santana, Richard Copans *Director de Produção:* João Pedro Bénard *Primeiras apresentações públicas:* Julho de 1993, em Dunquerque e Taormina *Inédito comercialmente Primeira apresentação pública em sala em Portugal, na Cinemateca:* 21 de Fevereiro de 2003 ("À Volta dos Artistas Unidos") *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, 1:1,85, cor, falada em português, 101 minutos.

O FILME DA MINHA VIDA: INÊS DE MEDEIROS CONVIDA JORGE SILVA MELO | COITADO DO JORGE

A projeção da longa-metragem é antecedida do comentário de Jorge Silva Melo ao seu filme COITADO DO JORGE, em conversa com Inês de Medeiros no contexto da série da RTP "O Filme da Minha Vida" (episódio com realização de José Vitório, emitido a 16 de maio de 1998) *Cópia:* RTP Arquivos, ficheiro digital, cor, 12 minutos.

SESSÃO APRESENTADA POR JOÃO PEDRO RODRIGUES

O mais querido, mais amado, aquele onde se pôs, se calhar, mais sangue e mais coragem.
Jorge Silva Melo sobre um último filme (1998)

COITADO DO JORGE ficou enguiçado, muito enguiçado. Jorge Silva Melo explica quase tudo nos 12 minutos de conversa que antecederam a passagem televisiva do filme, na RTP, a 16 de Maio de 1998. Há exactamente 24 anos, é pura coincidência. Chamava-se "O filme da minha vida", a série em que Inês de Medeiros convidava algumas personalidades a escolherem um filme que especialmente as marcara para um serão televisivo, apresentando-o, em conversa com ela, num cenário de estúdio de cinema. Tivesse a escolha sido canónica, um filme vindo da cinefilia de Jorge Silva Melo, e a conversa teria versado sobre A RAPARIGA DA MALA, de Valerio Zurlini, que poucos anos antes, em resposta a um repto idêntico, apresentara na Cinemateca ao pequeno grande público de uma sala de cinema ("nenhum

cinasta foi mais intimamente amado por quem amou o cinema” escreveu sobre Zurlini na “folha” de sala distribuída em 2007 quando voltou a escolhê-lo numa carta branca). “Seria um dos 50, 100, 200 filmes da minha vida.” (diz em 1998 e era verdade, outras vezes proferida) Mas não, veio à ideia de Jorge Silva Melo que podia ser literal, pensando na *sua* vida, e quis dar a ver o último filme que realizara, como todos os últimos filmes realizados – diz nessa conversa – “o mais querido, mais amado, aquele onde se pôs, se calhar, mais sangue e mais coragem”. E um filme que lhe mudou a vida, também diz, desfiando, de sorriso, lembranças magoadas, porque COITADO DO JORGE foi um filme a que a vida correu mal por engavetamento forçado. “Mas na rotação do filme eu fui, como nunca fui, inteiramente feliz.”

Da história de desconsideração de COITADO DO JORGE fazem parte os dez anos que decorreram antes que pudesse ser visto em sala em Portugal. É um raro tempo de espera, mas por vezes acontece (na história do cinema português aconteceu algumas vezes a alguns filmes): foi apresentado em festivais de cinema (logo em 1993, em Taormina e Dunquerque, onde foi distinguido com os prémios de melhor realização e de melhor actor para Manuel Wiborg), mas não teve estreia comercial nem foi fácil vê-lo em Portugal. Em 1998, quando o mercado o editou em vídeo (e a televisão portuguesa o difundiu), a crítica “exultou, jubilou” porque, finalmente e apesar do despropósito do formato para uma “estreia”, o “enguiço” parecia ter-se quebrado, tornando possível ver COITADO DO JORGE. Em sala, a primeira projecção aconteceu na Cinemateca num programa já deste século, “À Volta dos Artistas Unidos”. E algumas outras vezes depois. Sem inverter a tendência. COITADO DO JORGE permanece um filme arredado do espaço público dos ecrãs de cinema.

triste é no outono descobrir que era o verão a única estação Ruy Belo
em epígrafe, COITADO DO JORGE

Foi no COITADO DO JORGE que Jorge Silva Melo conheceu Manuel Wiborg e Joana Bárcia passando a trabalhar com eles e os outros jovens actores que a partir de então o acompanharam (ou ele acompanhou), sobretudo no teatro, abrindo a cena aos Artistas Unidos, a segunda companhia que fundou, em 1995, umas duas décadas após o início da aventura do Teatro da Cornucópia partilhada com Luis Miguel Cintra. Antes do febril ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA (2000, gerado numa encenação de teatro, recuperando a peça homónima de Jorge Silva Melo), última longa de ficção pejada de personagens e actores, com Wiborg na cena da cidade ao lado de Lia Gama e Joana Bárcia e Paulo Claro e tantos outros, a COITADO DO JORGE, Jorge Silva Melo associava a ribalta tomada pelos actores no seu cinema. Por mais que as suas cinco ficções de longa-metragem abundem de actores e personagens, identificava uma diferença em COITADO DO JORGE, possivelmente a que integra a própria narrativa, enredada numa consciência de perda de juventude e mudança de perspectiva: se AGOSTO termina com sinais da gravidez da jovem protagonista feminina, travando em síncope o devaneio de todos, em COITADO DO JORGE o protagonista adulto desatina ao deparar-se com visões do tempo esquecido num fugidio reflexo.

Na leitura que foi propondo da sua obra cinematográfica, olhando para trás, Jorge Silva Melo usou a bússola dos emparelhamentos, contando a elipse de um elo a encadear entre COITADO DO JORGE e ANTÓNIO (o projecto não realizado de LINHA DA VIDA). Nessa lógica, PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO e NINGUÉM DUAS VEZES são filmes construídos em dessincronia a partir de argumentos originais, na ressaca

revolucionária da perda do colectivo e num desolado desgosto individual; AGOSTO e COITADO DO JORGE, as faces soalheira e escura de um impulso romanesco como representação do minuto do mundo que passa na formulação de Merleau-Ponty, que se escuta em AGOSTO. É possível dar-lhe razão e contrariá-lo porque, assim sendo, sucede que a *circulação* – de ideias, frases, motivos, figuras, etc. – é uma trave-mestra de toda a sua filmografia. Até nos acasos, se acasos são a narrativa colorida pelas artes plásticas em NINGUÉM DUAS VEZES, tantos anos antes do diálogo com os artistas da série retratista (de Palolo a Fernando Lemos, na cronologia dos filmes) ou o facto de um deles, Álvaro Lapa, lhe lembrar de como “disponível, disponível é a juventude”.

Parente de AGOSTO, em que já uma personagem estranha ao ambiente das demais ronda o mundo que desassossega (a personagem de Pedro Hestnes, mais delicada que a de Manuel Wiborg no filme seguinte), COITADO DO JORGE anuncia ANTÓNIO. Nesse sentido retrospectivo, é um filme de passagem no qual se nota como muito desse filme e do que diz do percurso de Jorge Silva Melo começa aqui, em COITADO DO JORGE. Mas se ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA está intimamente ligado à geração dos seus jovens actores e parece posicionar-se, em termos de “retrato geracional” de Lisboa, na linha de OS VERDES ANOS de Paulo Rocha e XAVIER de Manuel Mozos, COITADO DO JORGE remete para personagens que vêm de antes nos seus filmes, até num apontamento solidário: como fundo da cena entre Jerzy Radziwilowicz e Angela Molina no restaurante, na mesa do lado, encontra-se o casal formado por Manuela de Freitas e José Mário Branco (vindos de NINGUÉM DUAS VEZES) cujo aparente desmoronamento ecoa, quase assumindo o protagonismo da cena, a situação de crise do casal de COITADO DO JORGE.

*E assim se treme e se trama a teia do que nos falta
da canção (com letra de Pedro Tamen) cantada na festa*

E quem é Jorge, a personagem que o título lastima? Um tipo de 36 anos a quem um encontro inesperado com um rapaz mais novo vai pôr a vida em questão, fazer vir à superfície os fantasmas, do da idade ao de uma energia ou de uma liberdade com ela perdidas. “Triste é no Outono descobrir que é no Verão a única estação”, é o verso de Ruy Belo que abre, em epígrafe, o filme. Será a descoberta de Jorge num filme estival mas atravessado de incêndios, perante um rapaz que o descobriu a ele mais do que foi por ele descoberto, como explica a Ema quando ela lhe pergunta de onde vem Ernesto. Entre deambulações pelo círculo de amigos, provavelmente, como ele, instalados numa vida burguesa a que um passado de jovens inquietos revolucionários conduziu (“Há quanto tempo não ouvia a Internacional?”), Jorge “descola” numa fuga interior. Pontuam-na uma quantidade de pequenos gestos, como o corte de cabelo, à escovinha, fazendo-o parecer mais novo, o roubo da caixa de chocolates no supermercado (o chocolate é uma obsessão deste Jorge) ou a infantil perseguição à rapariga do Mini pela estrada de terra.

A miragem de Jorge vai evidentemente ter com Ernesto e Tânia, jovens, apaixonados, rebeldes. Aliás, noutra dos reflexos de Ema e Jorge, há um plano em que Jorge espreita da janela da sua casa Ernesto e Tânia abraçados, por terra, no jardim. Ema olha também e enquanto o plano mantém em campo o casal de adolescentes através da janela, Ema e Jorge aproximam-se um do outro num longo beijo. Sem o choro do casal do restaurante nem a energia dos namorados, Ema e Jorge parecem ter-se perdido um do outro, num ponto em que imperceptivelmente as coisas se quebram além da vontade ou do bom senso e ainda que continuem a procurar-se um ao outro ou um no outro.

Um filme estival atravessado por incêndios disse-se. É um Verão violento, violento por sufoco. COITADO DO JORGE passa-se literalmente entre chamas, presentes em diferido, em ecrãs de televisão no princípio, a alguma distância e cada vez mais perto à medida que a acção progride. Os incêndios, mesmo longe, estão sempre em campo, por exemplo, através dos silvos de helicópteros dos bombeiros e vão-no progressivamente invadindo, pelo fumo e as chamas nas estradas que, no final, Jorge atravessa de carro. A paisagem arde à sua volta, ele arde por dentro, numa escalada que vai a par dentro dos planos. Da ameaça latente à explosão, os fogos deflagram, sempre ao som de Mozart, *Exsultate Jubilate*, que Jorge trauteia. Fogos que ardem e se vêem, ao contrário do poema de Camões, que Ernesto pede a Jorge que recite em troca de uma mudança de pneu, como antes lhe perguntara o significado da palavra “leda”, que lhe escapa tanto como a Jorge escapa a palavra “fogo!” como exclamação jovial. “Aquele alegre e triste madrugada?” As coisas nem sempre fazem sentido à primeira vez, não deixando de ser as que mais consomem.

Como sempre, de A PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO a ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA, Jorge Silva Melo filma com cuidado as personagens, num evidente gosto pelo trabalho dos seus actores. Aqui com poucos cortes entre os planos, bastante menos efusivos que os de ANTÓNIO, em que tudo se parece passar “à pele”, mas nem por isso mais decoupados. A maior parte dos planos de COITADO DO JORGE são planos sequência e poucas vezes, no interior da casa e nas várias viagens de automóvel, a câmara larga as personagens. Antes lhes segue os movimentos, em enquadramentos rigorosos e movimentos subtis.

Maria João Madeira